

## **A ESCRITA DE SI EM CAROLINA DE JESUS: O DIÁRIO DE BITITA NO CONTEXTO ESCOLAR**

Autora: Karliana Barbosa de Arruda  
Universidade Estadual da Paraíba Email: karlianacg@hotmail.com  
Co-autora: Rosilda Alves Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba Email: rosildaalvesuepb@yahoo.com.br

**Resumo:** A leitura e a literatura estão imbrincadas na construção e formação da experiência leitora dos alunos. No entanto, no contexto escolar, essas duas instâncias não vem sendo articuladas de modo dialógico. A experiência da leitura literária é pouco valorizada em salas de aula do ensino fundamental e o artefato literário serve como pretexto para o ensino de categorias gramaticais da língua. A Lei 10.639/2003 impõe a necessidade da escola discutir as questões identitárias em relação aos negros e afrodescendentes, os quais foram silenciados por um longo período, no entanto, o cumprimento da lei tem sido negligenciado na prática docente. Nesse sentido, o objetivo desse trabalho é propor, através da metodologia da pesquisa-ação e da sequência expandida de Cosson (2012), uma intervenção pedagógica, em uma sala de aula do nono ano do ensino fundamental, a partir da leitura da obra Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus, texto singular e autobiográfico, que nos revela a infância pobre, a adolescência e sua ida à cidade de São Paulo, época em que Carolina nem sonhava em ser uma escritora reconhecida pela crítica. Entendendo o texto literário como locus privilegiado para o trabalho com a linguagem, essa pesquisa visa promover o desenvolvimento do aluno no que concerne às habilidades de formação, desenvolvimento intelectual e pensamento crítico, no intuito de formar identidades livres de preconceito racial, bem como elevar a autoestima dos alunos negros e afrodescendentes. A presente investigação conta com o referencial teórico os estudos de Duarte (2013), Cosson (2012), Munanga (2005), Abreu (2006), Klinger (2007), entre outros. Palavras-Chave: Leitura, literatura afro-brasileira, Diário de Bitita, ensino.

### **INTRODUÇÃO**

Desde o final do século XX, presenciamos a proliferação de narrativas de cunho testemunhal, a chamada escrita de si, tanto no Brasil quanto no exterior. A obra Diário de Bitita se encaixa nesse contexto, por narrar o cotidiano, a dor e a miséria personificados através da própria vivência da escritora, que testemunhou e foi vítima das desigualdades.

Desse modo, estudar acerca da narrativa literária é, sobretudo, refletir sobre as representações dos marginalizados numa tentativa de ouvir àqueles estão à margem do centro das grandes cidades. Entendendo que a literatura é uma fonte de transformação do olhar sobre o mundo, o texto literário se configura como de extrema relevância para se estabelecer relações entre a literatura e a vida.

Nesse sentido, constitui-se em peça-chave para levar o aluno a tecer um olhar reflexivo e crítico sobre as questões que norteiam a sociedade, a exemplo das questões étnico-raciais que precisam ser melhor abrangidas em sala de aula. Dentro desse prisma, o diário de Carolina nos parece adequado como locus das mais diversas discussões, mas, sobretudo, como um veículo enriquecido pelo atributo estético, através do qual se pode empreender um amplo exercício de compreensão a respeito dos valores e das necessidades/interesses de transformação ou legitimação da trajetória dos negros, pobres e marginalizados, visto por óticas diversas, em que por vezes se conta a história dos oprimidos.

Pensando nisso, este artigo tem por objetivo trabalhar a formação do leitor literário, tendo como base teórica a escrita de si. O foco está na competência leitora dos alunos do nono ano do Ensino Fundamental II, de uma escola Estadual localizada no município de Fagundes, Paraíba.

O método para este trabalho será o da pesquisa-ação, por oferecer informações e conhecimentos de uso mais efetivo ao pesquisador em seu ambiente de pesquisa. A metodologia baseia-se na leitura em sala da obra, através de alguns passos que nortearão a referida pesquisa.

## **1. LEITURA LITERÁRIA E LETRAMENTO LITERÁRIO**

A escolarização da literatura teve início com o nascimento da própria instituição escolar. No início, o objetivo do ensino dos textos literários estava atrelado à transmissão do legado artístico de grandes escritores consagrados, cujas obras eram consideradas patrimônio cultural. Segundo Martins e Versiani (2008, p.11):

O texto literário tinha primazia, era considerado o texto por excelência a ser estudado na escola [...] os livros didáticos eram constituídos, fundamentalmente, de excertos de literatura, tidos como exemplos a ser imitados pelos alunos, tanto como uso linguístico quanto como conteúdo ético, estético e, muitas vezes, moral

Nesse sentido, as atividades que constavam no livro didático utilizavam os textos literários como pretexto para o ensino de outras competências, como também apontava na direção de que a literatura era passível de apenas uma única interpretação, nesse caso, o aluno deveria reproduzir o que estava descrito no livro ou até mesmo a mensagem repassada pelo professor. De acordo com Paulino (2008, p.57):

Houve época em que todos os textos eram literários, mas a leitura deles servia a interesses não-literários, com predominância dos estudos de conteúdos gramaticais. Líamos trechos belíssimos d'Os Lusíadas para aprender análise sintática. Então, mesmo sendo poético o objeto da leitura, não o eram os objetivos dela.

Dessa forma, esse tipo de ensino do texto literário impede a subjetividade do leitor ao se abordar a literatura de forma engessada, com um fim em si mesma, reduzindo, assim, a arte literária a um mero exercício de classificação, o que acarretou em um ensino reducionista e pobre.

Para o Ensino Fundamental, o PCN que se constitui em um guia para uma educação de qualidade, nos situa de como deve ser o estudo do texto literário. Segundo esse documento, nessa etapa, deve-se privilegiar a leitura de gêneros textuais como contos, novelas, romances, poemas, textos dramáticos, canções, dentre outros, com o objetivo de proporcionar aos alunos a apropriação dos mais variados tipos de textos, no intuito de ampliar a competência leitora do aluno.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental postulam que “enraizando-se na imaginação e construindo novas hipóteses e metáforas explicativas, o texto literário é outra forma/fonte de produção/apreensão de conhecimento” (BRASIL, 1998, p.27). Entretanto, essa apreensão só pode ocorrer efetivamente mediante estratégias para o trabalho com o artefato literário.

Os PCNs também enfatizam a necessidade de formar um leitor crítico que saiba se posicionar diante das várias discussões que circulam na sociedade. Segundo o documento: “os alunos devem posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e tomar decisões coletivas” (BRASIL, 1998, p.07)

Na contemporaneidade, o ensino de Literatura tem como objetivo principal a formação do leitor. Para que essa formação aconteça de modo satisfatório, é necessário que o professor propicie o encontro efetivo do aluno com o texto literário e tal encontro se dá a partir do exercício de leitura. Nesse sentido, leitura e literatura são instâncias que se associam para a formação do leitor literário. “A execução da leitura depende de se concebê-la não como o resultado satisfatório do processo de letramento e decodificação de matéria escrita, mas como atividade propiciadora de uma experiência única com o texto literário” (ZILBERMAN, 2008, p.17)

Desse modo, a leitura literária se constitui em um desafio para a escola, que deve suscitar o gosto pela leitura de textos literários, formando, assim, leitores conscientes do papel que a leitura pode desempenhar em suas vidas, nas diversas situações com as quais se deparam, seja para deleite em momentos de lazer, seja para discutir e se posicionar criticamente diante de um fato. Como afirma Andruetto (2017, p.104):

A leitura é um instrumento de intervenção sobre o mundo que nos permite pensar, tomar distância, refletir; a leitura também é uma possibilidade esplêndida para dar lugar a perguntas, à discussão, ao intercâmbio de percepções e à construção de um juízo próprio.

A literatura, além de despertar a imaginação, permitindo que o sujeito vivencie mundos paralelos ao seu, proporciona uma tomada de consciência acerca do lido, visto que mesmo distanciado da realidade, o leitor transfere o que leu para sua realidade cotidiana, num movimento de reflexão e criticidade.

## **2. LEI 10.639/03: DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO ANTI-RACISTA**

Como já afirmava Paulo Freire, a educação é uma atitude política e nesse sentido, requer de nós, educadores, ações e posicionamentos pontuais no intuito de mobilizar diversas esferas para promover a emancipação dessa cultura eurocêntrica que está impregnada nas escolas, apontando novos caminhos para a construção de uma sociedade capaz de enxergar o outro, dialogar, compreender esse outro e conviver com ele para além de suas diferenças étnicas, sociais e econômicas.

É no ambiente escolar, portanto, que novos caminhos devem ser traçados a começar pela priorização do estudo da cultura africana, através da introdução de conteúdos que privilegiem autores africanos e afro-brasileiros, colocar em cena essas discussões fará com que o aluno se sinta pertencente a essa realidade e ao mesmo tempo irá levá-los a desmistificar o imaginário africano como o lugar onde só existe pobreza e miséria, imagem vendida pelos veículos midiáticos, mas que não condiz com a realidade.

A partir desse contexto, Bezerra (2016) defende a necessidade de ser aplicada a Lei Federal que de certa forma valoriza a cultura e literatura afro-brasileira:

A inserção da Lei auxilia na divulgação e produção de conhecimentos, com valores sociais que permitam ao cidadão obter uma educação que tenha respeito pela pluralidade étnico-racial no país. A capacidade de interação entre docentes e discentes, por meio de uma educação de qualidade, somente terá alcance significativo se houver união e objetivos comuns, que valorizem a identidade cultural brasileira e africana. As escolas no Brasil recebem, anualmente, desde a implementação da Lei, material diverso referente à questão da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BEZERRA, 2016, p. 91)

Nesse sentido, a figura do professor, que também é pesquisador em sala de aula funciona como regente e exerce um papel de agente multicultural no sentido de promover uma educação para todos, que não se proponha a excluir, segregar culturas e nem classificá-las. Desse modo, podemos pensar como modificar as práticas docentes, com o objetivo de diminuir o preconceito e os estereótipos em torno do continente africano.

Para Eduardo Assis Duarte, em *O negro na literatura brasileira*, existe na construção da literatura brasileira negra uma série de omissões críticas que se junta a fatores histórico-culturais que deixa de fora no ensino da literatura uma série de importantes escritores negros:

Acrescente-se a isto a postura elitista que desqualifica gêneros literários tidos como “menores”, a exemplo da crônica e do memorialismo, bem como os textos marcados por posicionamentos mais incisivos quanto a desigualdades sociais, em especial no tocante às questões de raça e etnicidade (2013, p. 147)

A inserção da literatura africana e afro-brasileira é um meio de a escola realizar esse intento, uma vez que, além de outras funções, o texto literário se constitui também em um instrumento de denúncia social da realidade e um meio de tornar os alunos seres autônomos, críticos e reflexivos acerca de sua realidade e da identidade a qual pertencem.

No entanto, para se trabalhar com esse tipo de literatura, ainda existem algumas reflexões e questionamentos em torno do seu conceito. Para Bezerra (2016, p. 61):

Duas expressões são utilizadas para identificar esse tipo de literatura: “afro-brasileira” ou “negro-brasileira”. Ambas identificam os aspectos culturais, sociais e de pertencimento étnico-racial contidos nas obras de autores e autoras que representam em uma diversidade uma visão política da literatura nesta área. Assim, após onze anos da implementação da lei houve um esforço por parte do poder público no sentido de divulgar um razoável número de material que pudesse auxiliar nas atividades docentes e discentes.

Independente dessas discussões, diversos são os textos de autores afro-brasileiros que podem ser levados à escola, além de Carolina Maria de Jesus, temos a Geni Guimarães, Conceição Evaristo, Cuti, Cristiane Sobral, Solano Trindade, Luís Gama, entre outros, os quais possuem tanto uma produção literária, ou em alguns casos, os estudos críticos sobre literatura afro-brasileira, que estão voltados para a valorização da identidade negra e, nesse sentido, um trabalho bem direcionado a partir dessas obras pode ajudar a fortalecer a diversidade cultural tão presente em nossas escolas.

Nem sempre os autores interessantes considerados afro-brasileiros estiveram presentes nos livros didáticos. Durante muitos anos, nomes como Luís Gama, Solano Trindade, Adão Ventura, e mulheres escritoras, como Maria Firmino dos Reis, Conceição Evaristo e a própria Carolina não fizeram parte das escolhas textuais literárias dos livros didáticos escolares, e é justamente por conta desse tipo de injustiça ou invisibilidade, que o professor deve estar atento às novas produções com foco nesses escritores, que fundamentalmente são essenciais na divulgação da cultura negra desse país.

Nesse contexto, trabalhar o livro *Diário de Bitita*, em sala de aula, é uma rica oportunidade de divulgar a cultura afro-brasileira, dando oportunidade para que os alunos possam tecer diálogos acerca da temática, desconstruindo preconceitos.

O ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, após a aprovação da Lei 10.639/03, fez-se necessário para garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira. Portanto, torna-se necessário que a referida lei seja posta em prática.

### **3. A ESCRITA DE SI COMO CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR**

A chamada literatura confessional ou escrita de si não é uma invenção da pós-modernidade. A escrita do eu é tão antiga quanto a invenção da escrita. “ Os textos centrados no sujeito remontam, segundo Phillippe Lejeune ao século XII (REMEDIOS, 1997,p.10)

No entanto, essa escrita só alcança alguma visibilidade a partir da ascensão da sociedade burguesa, no momento em que o sujeito toma consciência de sua individualidade. “É portanto, após a conquista da privacidade que a literatura íntima passa a registrar o “eu” como presença singular no mundo” (MACIEL, S/P, S/A).

Em um século breve e feito de extremos como bem postulou o historiador Eric Hobsbawm, as contingências da vida foram expressas

a partir dessa escrita confessional que procurou registrar as angústias, a solidão, os medos e as experiências traumáticas vivenciadas. Como afirma Klinger(2007):

Na escrita de si dos anos da pós ditadura se produz, então, uma inversão com relação à escrita do século XIX e do modernismo, pois a memória não é mais um dispositivo ao serviço da conservação dos valores de classe, mas pelo contrário, funciona como testemunho e legado de uma geração que precisamente teve um projeto de mudança de valores (KLINGER, 2007,p.25)

A escrita confessional de Carolina Maria de Jesus, a exemplo das produções autobiográficas pós-ditadura, esteve voltada para o testemunho de si e do outro, uma vez que “toda contemplação da própria vida está inserida numa trama de relações sociais e, portanto, todo relato autobiográfico remete a um “para além de si mesmo” (KLINGER, 2007, p.25)

Nesse sentido, a escritora foi porta voz das mazelas de uma época vivenciada por ela de forma intensa e escrita em forma de narração diarística e memória ficcionalizada, que não pode ser dissociada do contexto no qual ela fez parte. Seu relato está, portanto, situado dentro de um contexto histórico, social e cultural.

A autoficção *Diário de Bitita* foi escrita quando Carolina se encontrava reclusa em um sítio em Parelheiros. Esquecida da mídia, do seu agente Audálio Dantas, pobre, a escritora resolveu escrever suas memórias de infância e adolescência, no qual se constituiu em mais um movimento de resistência frente à situação em que se achava.

Em *Diário de Bitita*, a memória individual da infância de Carolina Maria de Jesus faz parte da memória coletiva daqueles que vivenciaram sua juventude. História de vidas diversas, em espaços e momentos os mais diversos se cruzam e compõem uma identidade comum, um sentimento de pertença, a dos que sofreram as discriminações por questões raciais, econômicas e de gênero.

O livro em questão foi lançado primeiramente na França, em 1982, pelo fato de ter sido organizado por duas jornalistas francesas, que ao entrevistarem a escritora, receberam das mãos de Carolina os manuscritos e ficaram responsáveis pela edição e publicação.

De volta à Paris, as jornalistas fizeram um importante trabalho de editoração do manuscrito visando o público francês e evitando o excesso de notas de rodapé. Após a seleção dos textos, cortes e tradução, conseguiram publicar o *Journal de Bitita* [...] Carolina acreditou nas duas jornalistas que se sentiram moralmente responsáveis, porque era uma coisa de confiança dela (CASTRO; MACHADO, 2007, p.16)

Organizado em vinte e um capítulos, os quais abordam diversas temáticas que giram em torno da infância da escritora, bem como temas que abordam a cidade, os negros, a escola, a família, os pobres, dentre outros.

Se debruçar na escrita dessa obra significou para a escritora um ato de resistência frente a todas as críticas que recebeu. Mesmo decepcionada com a vida literária e com o fracasso de vendas das obras posteriores a Quarto de Despejo, Carolina não abandonou seu ofício. Contrariando a todos que achavam que sua literatura se restringia apenas a um estilo literário, o diarístico, em tom de denúncia, Carolina resolve escrever suas memórias com o objetivo de resistir, atitude que exerceu a vida toda. Como afirma Moreira (2009, p.68):

Carolina rememora e escreve para resistir, para se posicionar de alguma forma frente às enxurradas de críticas que recebeu durante o curto período em que desfrutou do status de escritora de sucesso, para fazer frente àqueles que julga terem-na explorado e para dar a si mesma a chance de se compreender melhor

Em sua obra, Carolina traça um panorama dos laços familiares, sendo a mãe e o avô figuras imprescindíveis para a construção de si da escritora. Seu avô era muito admirado por ela, pois foi ele o responsável por apresentá-la ao mundo das letras, retratando em suas histórias os meandros da escravidão. “O vovô era descendente de africanos. Era filho da última remessa de negros que vieram num navio negreiro. Os negros cabindas, os mais inteligentes e os mais bonitos” (JESUS, 1986, p.28)

No mês de agosto, quando as noites eram mais quentes, nos agrupávamos ao redor do vovô para ouvi-lo contar os horrores da escravidão. Falavam dos Palmares, o famoso quilombo onde os negros procuravam refúgio. O chefe era um negro corajoso de nome Zumbi. Que pretendia libertar os pretos (JESUS, 1986, p.32)

Já a mãe de Carolina, negra como ela, não se intimidou diante das discriminações que vivenciou, apesar de ter sido presa sem razão. Mulher à frente de seu tempo, foi chefe de família em uma época marcada pelo poder patriarcal. Abandonada pelo marido por ter tido um relacionamento extraconjugal, cuidou sozinha de dois filhos, não sendo vista com bons olhos por uma sociedade preconceituosa e machista.

Pelos relatos da escritora, percebe-se que a mãe soube conduzir maestralmente os preconceitos dirigidos a ela e aos filhos, protegendo-os e enaltecendo suas qualidades:

As vizinhas me olhavam e diziam:

- Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.

Minha mãe me olhava e dizia:

-Mãe não mata filho. O que mãe precisa é ter um estoque de paciência.

O senhor Eurípides Barsanulfo disse-me que ela é poetisa! (JESUS, 1986, p.43)

Para além dos laços afetivos relatados na obra, Diário de Bitita também se constitui em importante testemunho das relações étnico-raciais estabelecidas na cidade onde Carolina nasceu, Sacramento, o que possibilita estabelecermos uma relação entre o passado vivido pelos negros recém libertos e as atuais práticas discriminatórias que ainda persistem. Como aponta Vianna (2015):

Nessa narrativa se podem vislumbrar vestígios das relações étnico-raciais descritas em seu período de infância, as relações internas com seu grupo de formação, além das características de sua ancestralidade, refletidas desde o período da escravidão no Brasil.

Apesar da obra retratar o período pós escravidão, a escritora relata que, mesmo livres os negros continuavam presos, por não se sentirem incluídos em uma sociedade que os tratava de modo desigual e até desumano, como podemos verificar através do trecho abaixo:

Quando um negro dizia: - Eu sou livre! Ninguém acreditava e zombavam dele [...]o vovô nos olhava com carinho. “Deus os protegeu auxiliando-os a não nascer na época da escravidão”. Os negros libertos não podia ficar no mesmo local. Deveriam sair de suas cidades. Uns iam para o estado do Rio, outros para o estado de Minas, de Goiás, para ficar livres dos xingatórios dos ex-sinhôs, e repetiam as palavras de Castro Alves; “ O negro é livre quando morre” (JESUS, 1986,p.59)

Através dessa passagem, podemos entender o processo de exclusão no qual o negro foi vítima, sendo obrigado a migrar para as grandes cidades, fundando as favelas, ficando ainda mais à margem da sociedade. Desse modo, a leitura da obra nos permite entender o presente e a atual condição dos excluídos a partir da ótica do passado.

## **CONSIDERAÇÕES PARCIAIS**

Embora saibamos do atual contexto no qual as escolas estão inseridas e dos problemas enfrentados frente às questões que envolvem a leitura e a escrita de textos literários, que se situam desde a formação precária do professor e perpassa também pela rigidez dos currículos,

cremos que essa conjuntura possa ser mudada a partir de ações pontuais que favoreçam/promovam um ensino mais voltado para a realidade dos alunos e que dialogue com o seu cotidiano.

A implantação efetiva da lei 10.639/03 é imprescindível para a realização desse intento, uma vez que busca desconstruir os estereótipos criados e mantidos sobre o povo negro, ao mesmo tempo que possibilita aos alunos negros o reconhecimento e valorização de sua identidade.

Nesse sentido, o texto literário afro-brasileiro possibilita aos sujeitos uma aprendizagem significativa, haja vista que a partir do letramento literário propiciado pela leitura da obra *Diário de Bitita*, mediada no contexto de sala de aula, se constitui como um artefato apropriado para repensar as relações estabelecidas com o outro, ressignificando suas experiências e ações.

Creemos também que o trabalho com a obra oportunizará experiências enriquecedoras e de profundo aprendizado acerca da condição da mulher negra, uma vez que o texto de Carolina engendra reflexões/discussões pontuais acerca da realidade vivenciada por ela e por sua mãe, especificamente em *Diário de Bitita*.

A educação deve ter um caráter problematizador e reflexivo, que acima de tudo, descortine a realidade aos alunos. Trata-se, portanto, um desafio que precisa ser assumido e posto em prática por todos os partícipes da instituição escolar, para que juntos possamos promover uma educação mais comprometida com os valores éticos, de respeito às diferenças.

## REFERÊNCIAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. **A leitura, outra revolução**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

BEZERRA, Rosilda Alves. Literatura afro-brasileira e/ou negro-brasileira na sala de aula: leituras do texto literário. In: MELO, Carlos Augusto de; SANTOS, Luciane Alves (Orgs.). **Letramento literário e formação do leitor**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BRASIL, Secretaria de Educação. Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DUARTE, Eduardo Assis. **O negro na literatura brasileira**. Navegações. Porto Alegre, v.6, n.2, p.146-153, jul/dez. 2013

JESUS, Carolina Maria de. **Diário de Bitita**. Rio de Janeiro: Nove Fronteira, 1986.

KLINGER, Diana Irene. **Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica.** Rio de Janeiro:7 Letras,2007.

MACIEL, Sheila Dias. **A literatura e os gêneros confessionais.**S/A,S/P.

MARTINS, Aracy; VERSIANI, Zélia. Leituras literárias: discursos intransitivos.In: PAIVA, Aparecida et al. (Orgs).**Leituras literárias: discursos intransitivos.** Belo Horizonte: Ceale, 2008.

MOREIRA, Daniel da Silva. **Reconstruir-se em texto: práticas de arquivamento e resistência no Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus.** Estação Literária. Vol. 3.Londrina:Vagão,2009.

PAULINO, Graça. Algumas especificidades da leitura literária.In: PAIVA, Aparecida et al.(Orgs). **Leituras literárias: discursos intransitivos.** Belo Horizonte: Ceale; Autêntica,2008.

REMEDIOS, Maria Luiza Ritzel. (Org.). **Literatura confessional: autobiografia e ficcionalidade.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1997.

VIANNA, Vera Lúcia Lenz; SÁ, Janaína da Silva. **Espaço, deslocamento e acomodações culturais em Diário de Bitita de Carolina Maria de Jesus.** Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo. Cascavel, 2015. nº 26.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** Via Atlântica, São Paulo, n.14,p.11-22,dec.2008.I